

O PERCURSO DE GRAMATICALIZAÇÃO DOS VERBOS INDICADORES DE CESSAMENTO

Ana Cristina Jaeger Hintze*

RESUMO: Este artigo propõe a análise integrada de aspectos sintáticos, semânticos e pragmático-discursivos associados à auxiliaridade de verbos indicadores de cessamento “largar, deixar, parar, acabar” nas modalidades oral e escrita do português brasileiro contemporâneo. À luz dos critérios de Longo e Campos (2002) como a detematização (perda da propriedade de atribuição de papéis semânticos) e níveis de integração (impossibilidade de desdobramento da oração, existência de sujeito único) examinam-se estágios e processos diferentes do percurso de gramaticalização desses verbos.

PALAVRAS-CHAVE: verbos; auxiliarização; cessamento; gramaticalização

ABSTRACT: This paper proposes an integrated analysis of syntactic, semantic and pragmatic-discursive associated with verbs indicators of cessing as drop, leave, stop, stop them in oral and written Brazilian Portuguese contemporary. Given the criteria of Longo and Campos (2002) as “less thematization” (loss of property assigning semantic roles) and levels of integration (impossibility of deployment of clause; an existence of a single subject) is examined in different stages and processes of route grammaticalization of these verbs.

KEYWORDS: verbs; cessing; grammaticalization; auxiliary verbs

INTRODUÇÃO

O termo *gramaticalização* se difundiu a partir da década de 1980 para rotular o fenômeno da mudança linguística sob a perspectiva diacrônica. De lá para cá, pode-se afirmar que o assunto não tem recebido tratamento unânime entre os autores porque não se sabe ao certo as motivações que levariam a tais mudanças: necessidades linguísticas não satisfeitas pelas formas existentes, ineficiência dessas formas, ou até conteúdos cognitivos para os quais não existem designações específicas seriam as possíveis motivações para tal fenômeno. Entretanto, estudiosos do assunto partilham o mesmo pensamento quanto à:

* Doutora em Letras (Unesp - Araraquara), Mestre em Linguística (PUCSP), Docente do programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado/Doutorado – Universidade Estadual de Maringá (UEM)

- i) distinção entre itens lexicais, signos linguísticos plenos, classes abertas de palavras, lexemas concretos, palavras principais, de um lado, e itens gramaticais, signos linguísticos “vazios”, classes fechadas de palavras, lexemas abstratos, palavras acessórias;
- ii) origem, pois consideram que as últimas categorias tendem a se originar das primeiras.

Conhecer as motivações não tem sido tarefa fácil. Várias das definições do fenômeno, encontradas em dicionários e em manuais especializados de linguística permitem identificá-la, mas elas se mostram ineficientes quanto ao alcance do tema hoje, pois o campo dos fenômenos que podem ser examinados sob o enfoque da *gramaticalização* é vasto: inclui tanto o estudo do itinerário percorrido por formas linguísticas quanto por construções gramaticais emergentes.

Muitas concepções têm sido apresentadas. Lehmann (1982) afirma que a gramaticalização está essencialmente ligada à autonomia do signo que podia ser avaliada por três fatores: o peso semântico específico, o grau de coesão e a mobilidade. Quanto mais autônomo é um signo, menos sujeito está à gramaticalização; quanto menos autônomo, mais ‘gramaticalizável’.

Para Traugott e Heine (1991, p.54), a gramaticalização se refere a mudanças linguísticas situadas no *continuum* que se estabelece entre unidades independentes, localizadas em construções menos ligadas, e unidades dependentes tais como clíticos, partículas auxiliares, construções aglutinativas e flexões. A gramática de uma língua é sempre emergente porque estão sempre surgindo novas funções, valores e usos para formas já existentes e nesse processo fluido é possível reconhecer graus diversificados de gramaticalização. Nesse sentido, é imprescindível contar com recursos que permitam identificar os primeiros estágios desse processo de mudança.

Hopper (1991) tenta suplantando as afirmações de Lehmann (1982) e focaliza a gramaticalização em seus estágios mais incipientes. A obra estabelece-se como um guia empírico que tenta mostrar um conjunto de parâmetros diferentes dos de Lehmann para acentuar o caráter gradual da gramaticalização. O autor arrola cinco princípios que identificam instâncias do fenômeno. São eles:

- Estratificação [layering] – refere-se à coexistência de formas com funções similares ou idênticas. Novas camadas, dentro de um domínio funcional amplo, emergem continuamente, sem descartar necessariamente as camadas velhas;
- Divergência “ refere-se à coexistência de formas: um item pode gramaticalizar-se e continuar a ser usado como elemento autônomo;
- Especialização “ relaciona-se com a questão do estreitamento da

escolha de formas pertencentes a um mesmo domínio, ou seja, há a possibilidade de uma forma tornar-se obrigatória para expressar determinada função;

- Persistência “ refere-se à manutenção de traços do significado lexical da forma-fonte que podem estar refletidos no comportamento das formas gramaticalizadas;
- Descategorização “ refere-se à mudança de estatuto categorial. Um item, ao passar por um processo de gramaticalização, perde suas propriedades lexicais ou neutraliza as marcas morfológicas e os privilégios sintáticos que caracterizam as formas plenas (nomes e verbos, por exemplo) e assumem atributos de categorias secundárias, mais gramaticalizadas (por exemplo, pronomes, clíticos, afixos etc)
- Como se pode observar, esses princípios não diferenciam os processos de mudança que resultam gramaticalização dos que não resultam.

Concebe-se, pois, o fenômeno como o processo pelo qual um item sai do léxico para entrar na gramática. Embora o fenômeno de migração de uma classe para outra seja comum – palavras lexicais movimentam-se para a classe das gramaticais – não se pode asseverar que haja uma separação rígida entre essas classes. Considera-se, pois, que a gramática não é uma categoria discreta.

Concebida como um processo que apresenta regularidade, convencionalidade e modo de rotinização, a gramaticalização de uma construção deixa de ser um meio inovador e se transforma em uma estratégia comum. Embora possam ser feitas ressalvas a muitas concepções e considerações sobre o assunto, assume-se, neste artigo, o fenômeno da gramaticalização como um tipo produtivo de mudança linguística, reconhecendo a gradualidade das mudanças. Na próxima seção, procura-se exemplificar o fenômeno com base no emprego de alguns verbos considerados de “cessamento”, ou seja, verbos que, segundo Travaglia (1994, p. 60), “combinam o aspecto que chamaremos de acabado e de noção temporal.” Em todos os casos, seguiu-se o seguinte percurso: i) descrição do item em dicionário etimológico, descrição na tradição gramatical em relação à escolha de complementos, registro do item no dicionário de usos, evidenciando-se as funções da auxiliarização.

OS VERBOS *LARGAR*, *DEIXAR*, *PARAR* E *ACABAR* INDICADORES DE CESSAMENTO

O verbo *largar*, de acordo com Cunha et al. (1992), tem origem latina – do adjetivo *largo* significava ‘o que tem extensão transversal relativamente ampla’, ‘espaçoso’ ‘extenso’. O autor registra duas formações para os

verbos: “alargar” (século XIII) e “largar” (século XVI), com o significado de ‘afrouxar os laços que prendem alguém a algo’

A gramática tradicional classifica este verbo ora como transitivo direto, ou seja, com um complemento sem preposição, como em:

(01) *Ele largou as rédeas e correu.*

Outra possibilidade é a transitividade indireta, ou seja, com preposição “obrigatória”, como em:

(02) *Só largava do coronel para receber seu pagamento.*

Para Luft (2002), entretanto, *largar* pode ser denominado transitivo circunstancial, devido à necessidade de um circunstancializador, como no exemplo a seguir:

(03) *Anoitecia quando largamos daquele porto.*

Borba (1990, p.872) mostra a possibilidade de o verbo *largar* condensar-se “numa forma de plural, ou então, recíproca”, como em:

(04) *Pedro não larga Paulo*

(05) *Pedro e Paulo não se largam.*

(06) *Os dois não se largam.*

O verbo *deixar*, de acordo com Cunha et al (*op.cit*), tem origem latina, significava ‘separar-se de, largar, soltar, abandonar, permitir’%XIV, *dexar* XIII, *dexar* XIII%. Da forma antiga *leixar* (< lat. *laxare*), muito mais frequente no português medieval. Para a transformação estranha de ‘*leixar*’ em *deixar* têm sido apresentadas várias hipóteses.

A gramática tradicional classifica este verbo ora como transitivo direto, como em:

(07) *O leão não queria deixar a presa.*

De acordo com Michaelis (1998), o verbo *deixar* pode ser classificado como transitivo indireto como em:

(08) *Por estar suado, deixou de beber¹.*

Borba (1990, p.383) mostra a possibilidade de o verbo *deixar* assumir a forma pronominal, como em:

(09) *As folhas secas e frágeis deixam-se do ipê e forram o chão.*

Borba (1990) sublinha a possibilidade de ocorrência com complemento locativo, como em

¹ Observa-se aqui o fato de o verbo *deixar* estar com a forma do infinitivo, o que poderia suscitar dúvidas quanto a essa classificação como transitivo indireto.

(10) *Este carro já me deixou na estrada.*²

O verbo *parar*, de acordo com Cunha et al. (op cit), tem origem latina (*parare*) significava ‘cessar’, ‘deter-se’ (século XIII). A gramática tradicional classifica este verbo como transitivo direto, como em:

(11) *Parei a conversa ali mesmo.*

De acordo com Michaelis (1998), o verbo *parar* pode ser classificado como transitivo indireto como em:

(12) *As funções de sacerdote não param na celebração de missas.*

Outra possibilidade é o verbo ser classificado como intransitivo, como em:

(13) *O país não parou por causa disso.*

O verbo *acabar*, de acordo com Cunha et al. (op cit), tem origem no substantivo ‘caput’ (cabeça). A palavra ‘caput’ também está na origem de ‘cabo’ – ‘fim, confim, arremate, extremidade’ (século XIII). Assim, é que se originou e, por derivação parassintética, passou a significar ‘dar cabo de, destruir, matar’.

A gramática tradicional classifica este verbo ora como verbo transitivo direto, como em:

(14) *A doença e as preocupações o acabaram.*

Outra possibilidade é a transitividade indireta, ou seja, com preposição “obrigatória”, como em:

(15) *Acabem com esse barulho!*

O verbo pode ser classificado como intransitivo, como em :

(16) *Nosso dinheiro acabou!*

Borba (1990, p.20) registra a possibilidade de haver uma forma pronominal, como a que segue:

² A NGB não menciona o denominado “complemento locativo”, razão de inúmeras controvérsias nas classificações tradicionais. Luft (2002), por exemplo, classificaria “na estrada” como complemento circunstancializador.

(17) *Os pais de Helena, arruinados, acabaram-se bem cedo!*

Na maioria dos dicionários, esses verbos aparecem apenas como verbos plenos, ou seja, como núcleo do predicado. Borba (1990), no entanto, já os cita como auxiliares, com a possibilidade de assumirem valores aspectuais *múltiplos*, dependendo da forma nominal que lhes segue ou do contexto de uso. Vejam-se as observações a seguir:

Largar: (...) [auxiliar] 1. precedendo **a** + infinitivo, indica aspecto inceptivo: *Ângela largou a correr*; 2 precedendo **de** + infinitivo indica aspecto cessativo. *Com sua idade avançada, o senhor resolveu largar de fumar.* (p.873)

Deixar (...) [auxiliar] 1. Precedendo **de** + infinitivo para indicar aspecto cessativo. *Gutemberg deixou de enviar prenda.* 2. Precedendo particípio passado para indicar aspecto permansivo: *O professor da classe saiu, mas deixou avisado que voltaria logo* (p.383)

Parar (...) [auxiliar] 1. Precedendo **de** + infinitivo para indicar aspecto cessativo. *Aquele pranto não para de brotar; a vaca não para de mugir* (p.973).

Acabar (...) [auxiliar] 1. Precedendo **de** + infinitivo para indicar aspecto cessativo ou terminativo (= conclusão da ação processo expresso(s) pelo infinitivo ou seu término imediato) *Deixei a coitada acabar de comer primeiro* (...) 2. Precedendo gerúndio ou **por** + infinitivo para indicar aspecto resultativo (= resultado final da ação/processo expresso(s) pelo verbo principal) *Aquela torre inacabada mais dia, menos dia acaba caindo* (p.20).

Por esta última observação, consta-se que a fronteira entre tais verbos, considerados ora como lexicais (plenos) ora como auxiliares, não se delinea com tanta nitidez.

Por considerar as “múltiplas” funções aspectuais, nessa mesma esteira, Longo e Campos (2002, p. 447) tentam estabelecer alguns parâmetros para a definição de verbos auxiliares. Interpretam a auxiliariedade como a relação de complementação entre duas formas verbais; o auxiliar, como forma relacional que toma por complemento um verbo-base; a perífrase ou locução verbal, um complexo unitário que reúne um verbo e uma forma de infinitivo, gerúndio ou particípio em uma só predicação.

A coesão interna entre esses verbos é tão grande que eles funcionam como um verbo simples. O verbo auxiliar perde sua significação concreta (significação plena) e passa a expressar categorias gramaticais, pois é nele que estão contidas as noções de tempo, modo, pessoa e aspecto. A existência de verbos justapostos, no entanto, não implica a ocorrência de construção perifrástica, pois cada um deles pode enunciar um ato concreto.

As autoras privilegiam os seguintes critérios para a identificação de verbos auxiliares: a determinação e o nível de integração (a impossibilidade de desdobramento da oração, a existência de sujeito único). Uma vez constatado o nível de integração maior ou menor e a gradiência de propriedades no nível de auxiliarização, as autoras propõem ainda cinco parâmetros para testar o grau de gramaticalidade dos verbos. Eles são os seguintes: irreversibilidade, esvaziamento semântico, recursividade e perda das características sintáticas. Oportunamente tais critérios serão exemplificados. Os traços evidenciarão a gradiência do percurso de gramaticalização de tais verbos.

A DETAMIZAÇÃO

Em princípio, o verbo auxiliar caracteriza-se pela perda de traços de seu conteúdo lexical em contraposição ao do principal que conserva esses traços.

Longo e Campos (2002) definem a detematização como a perda que o auxiliar sofre em relação à propriedade de atribuir papéis semânticos ou temáticos aos elementos nominais com que se combina, ou seja, o verbo perde a restrição de selecionar argumentos. Observa-se que isso vem ocorrendo com alguns dos verbos em questão, neste estudo, quando não apresentam mais restrição de argumento. Dividem-se a seguir as ocorrências de *largar*, *deixar*, *parar* e *acabar* como lexicais e como auxiliares, aplicando o critério da detematização.

LARGAR, DEIXAR, PARAR E ACABAR E A SELEÇÃO DE ARGUMENTOS

Mediante esquemas estruturais, associando-se a interpretações de valores semânticos do verbo e a seleção de seus respectivos argumentos, constata-se vários tipos de “*largar*”, “*deixar*”, “*parar*” e “*acabar*”.

Observa-se, nesse percurso, a abstratização, ou seja, a passagem de um uso [+concreto] para o [+abstrato], tendo em vista ser essa uma das características do processo de gramaticalização.

Considerando cada item em questão e sua origem latina e as acepções encontradas nos dicionários, observamos que, no caso do verbo *largar*, já se constataria uma mudança de [+concreto], um domínio de um espaço restrito para uma interpretação [+ abstrata] – “tornar mais largo”, domínio de espaço mais ampliado, caminhando mais abstratamente para “afrouxar os laços”.

Partindo dessa última acepção, tomamos como uso mais concreto

de *largar* o sentido de “soltar”, ou seja, de um domínio de espaço [+restrito] para outro espaço [-restrito]. Considerando que as propriedades semânticas do verbo permitem estabelecer regras de seleção. Podem-se constatar as seguintes possibilidades para o verbo “largar”:

i) a seleção do primeiro e segundo argumentos com traços [+concreto], [+animado], e [+humano]

(18) *João largou Paulo.*

ii) a seleção do primeiro com traço [+concreto], [+animado], e [+humano] e segundo com [+concreto] [-animado] [-humano].

(19) *João largou as rédeas.*

Em ambos os casos, o verbo indica ação-processo.

Há ainda a possibilidade de o primeiro argumento apresentar-se com traços [+concreto] [-animado] [-humano] e com o segundo complemento de origem [+concreto] [-animado] [-humano], caso em que o verbo indica processo:

(20) *A tinta não largava do tecido.*

A outra possibilidade é a seleção do primeiro argumento com traço [+agentivo] e segundo argumento ser realizado por nomes abstratos de ação, como em:

(21) *Tonhão largava dois sopapos na mesa.*

Nesse caso, o verbo indica ação, mas seu significado não é o de “soltar”, mas de “atirar”, “lançar”. Observamos que, mediante a seleção de traços do primeiro e do segundo argumentos, que vão combinado traços de [±concreto] o uso do verbo *largar* caminha para uma constante abstratização.

O verbo *deixar* apresenta, desde sua origem, uma ampla possibilidade de significados, como *separar-se de*, *largar*, *soltar*, *abandonar*, *permitir*. Em termos de seleção de argumentos, encontramos algumas possibilidades:

i) a seleção do primeiro argumento [+concreto], [+animado] [+humano]; seleção do segundo argumento [+concreto], [+animado] [+humano], como em:

(22) *O marido deixou a mulher.* (largou)/(abandonou)

ii) a seleção do primeiro argumento [+concreto], [+animado] [+humano]; seleção do segundo argumento [+concreto], [-animado] [-humano], como em:

(23) *Lígia deixou o anel.* (soltou)

(iii) a seleção do primeiro argumento [+ concreto],[+animado] [+ humano]; a seleção do(s) segundo(s) argumento(s) [-concreto],[animado] [-humano] como em:

(24) *Pedro deixou a discussão para outro dia.* (adiou)

Em todas as ocorrências o verbo *deixar* indica ação processo. Observe-se que em (24) a aceção vai se tornando cada vez mais abstrata.

Outra possibilidade é o verbo indicar ação. Neste caso, a seleção poderá ser:

iv) a seleção do primeiro argumento [+ concreto],[+animado] [+ humano]; seleção do segundo argumento [+ concreto],[animado] [-humano] indicativo de lugar como:

(25) *Pedro deixou o quarto.* (saiu)

Borba (1990) observa que na aceção de ‘permitir’, o verbo *deixar* é um modalizador, como em:

(26) *Bentinho deixou Alice seguir para seu quarto.*

Além de todas essas possibilidades, o verbo *deixar* tem entrado na composição de expressões da língua, tais como: *deixar o dito pelo não dito* (anulação de algum ato de fala), *deixar de fita* (parar de fingir), *deixar margem* (possibilitar) e tantas outras que revelam o uso cada vez mais abstrato desse verbo.

O verbo *parar*, com sentido de *cessar*, *deter-se*, apresenta um traço semântico [-movimento]. Pode indicar ação/processo selecionando os seguintes argumentos:

i) a seleção a seleção do primeiro argumento [+ concreto],[+animado] [+ humano]; seleção do segundo argumento [+concreto],],[+animado] [+ humano]

(27) *Jéssica parou o pai.* (deteve)

ii) a seleção a seleção do primeiro argumento [-concreto], [+animado] [- humano]; seleção do segundo argumento [-concreto],],[animado] [- humano]

(28) *Minha reação instintiva parou a conversa.* (interromper)

iii) a seleção do primeiro argumento [+ concreto] [-animado] [- humano], sem apresentar o segundo argumento, como em:

(29) *Meu relógio parou.* (deixou de funcionar)

No exemplo a seguir, no entanto, observa-se que a seleção do primeiro argumento é expresso por [+humano]/[+abstrato] e o segundo argumento é expresso por locativo, como em:

(30) *Glauco não pára mais em casa.* (permanecer, ficar)

Os exemplos acima sugerem a ocorrência de um processo de transferência metafórica, em que argumentos com traços mais abstratos passam a preencher funções anteriormente ocupadas por argumentos mais concretos. Em (30) o verbo é de processo.

O verbo *acabar* em sua origem remetia à palavra ‘caput’ (cabeça), relacionada também ao substantivo ‘cabo’ – ‘fim, confim, arremate, extremidade’ (século XIII). Por extensão metafórica, passou a significar ‘dar cabo de, destruir, matar’. Pode indicar ação/processo selecionando os seguintes argumentos:

i) a seleção a seleção do primeiro argumento [+concreto],[+animado] [+humano]; seleção do segundo argumento [+concreto],[+animado] [±humano], como em:

(31) *Sua mãe acabou com seu pai.*

(32) *Acabemos com essas saúvas.*

ii) a seleção a seleção do primeiro argumento [+concreto],[–animado] [–humano]; seleção do segundo argumento [+concreto],[–animado] [–humano], como em:

(33) *Pás e picaretas acabaram com o muro.*

Observe-se que, nesse exemplo, o instrumental ocupa a posição de sujeito da oração.

iii) a seleção a seleção do primeiro argumento [+concreto],[+animado] [+humano]; seleção do segundo argumento [+abstrato],[–animado] [–humano], como em:

(34) *Ana vai para casa quando acabar nosso trabalho.*

Nesses casos, o verbo indica ação processo, mas a seleção caminha para um nível maior de abstração, devido à seleção de argumentos que vão do concreto > abstrato.

Considera-se aqui que essa gradiência já indica um internível de abstratização.

Como verbo de processo, *acabar* seleciona os seguintes argumentos:

i) a seleção do primeiro argumento é [+ concreto],[+animado] [+ humano]

(35) *Os pais de Helena acabaram arruinados.*

Observe-se que aqui o primeiro argumento apresenta o traço semântico de paciente. O segundo argumento está ausente. A acepção é *morrer, decair fisicamente*

ii) a seleção a seleção do primeiro argumento [-concreto],[-animado] [- humano]; seleção do segundo argumento [+concreto],[-animado] [- humano], como em:

(36) *Meu ódio acabou em cinzas.*

Pela escala de abstratização crescente, considera-se (36) o verbo em processo de gramaticalização mais avançado do que (35). A acepção aqui é de *tornar-se*. Ao traço de [+ locativo] do segundo argumento pode ser acrescido o de [-concreto], como em 37, frase em que o verbo apresenta a acepção de passa a ser a de “concluir”, ‘ter um fim’ a :

(37) *O caso acabou na justiça comum.*

Mediante todos esses exemplos, observa-se que a detematização dos verbos de cessamento se inicia ainda quando são lexicais. Constata-se um intrincado jogo de traços semânticos do primeiro e do segundo argumentos que passam de [+ concreto], [+animado],[+humano] para os de [-concreto],[-animado],[-humano]. Conceitos concretos são usados para descrever processos mais abstratos, o que caracterizaria a gramaticalização como processo de base metafórica³.

LARGAR, DEIXAR, PARAR E ACABAR – VERBOS AUXILIARES

Em alguns casos, *largar, deixar, parar e acabar* migram para um ponto mais abstrato no *continuum* da gramaticalização e deixam de ser lexicais para serem funcionais, pois passam a ser auxiliares de um verbo base, formando com ele um complexo unitário. Isso indica que esses verbos

³ A metáfora constitui um processo de abstratização crescente pelo qual conceitos próximos são utilizados para expressar aquilo que é mais abstrato (MARTELOTA, 1996)

perderam suas propriedades lexicais, abstraindo-se e expressando noções gramaticais de valor aspectual.

Encontramos *largar, deixar, parar e acabar* auxiliares em construções como as que seguem.

(38) *Largue de fumar correndo*⁴

(39) *Menina, deixe de acreditar em tudo que os outros dizem!*

(40) *Aquele canário não pára de cantar!*

(41) *Deixe a pobre menina acabar de comer primeiro.*

Como auxiliares, podem ocorrer em construções com o argumento 1 [+concreto],[+animado] e [± humano] . O exemplo (40) exemplifica o [-humano].

Há, no *corpus*, usos em que o primeiro argumento não apresenta o traço semântico [+ animado], como segue:

(42) *O balão acabou de cair na Mata Atlântica e motivou incêndio de proporções alarmantes!*

(43) *A chuva não pára de cair há horas no Paraná.*

Há ainda a possibilidade de o argumento um exibir o traço [-concreto], como em:

(44) *A queda da moeda norte-americana não deixa de influenciar as transações comerciais.*

Nos exemplos acima ----- (38) a (44) — , verifica-se a fusão semântica entre os verbos auxiliares e o verbo principal, considerado verbo base. Os traços subcategoriais dos argumentos são compatíveis com a base, cabendo a *largar, deixar, parar e acabar* apenas a expressão de aspecto, no caso, de cessamento. Excetuando-se *parar*, prototipicamente cessativo, os demais verbos podem assumir outros aspectos, tais como: *largar* (inceptivo); *deixar* (permansivo), *acabar* (resultativo). Demonstra-se, portanto, que as perdas das propriedades de verbos plenos são compensadas pela propriedade gramatical, desenvolvendo um processo de recategorização.

⁴ Lema de campanha contra tabagismo em Maringá

OS NÍVEIS DE INTEGRAÇÃO

Expedientes sintáticos também são úteis na identificação da auxiliaridade verbal. Há entre o verbo auxiliar e o verbo base uma forte integração, uma coesão interna tal que o primeiro se agrega, incorpora-se ao segundo, formando com este um só predicado, ou, nas palavras de Mattoso Câmara Jr. (1964), formando uma espécie de sintagma, em que um elemento determinante cria um elo de subordinação com outro elemento determinado.

É impossível, nesse caso, o desdobramento da forma não flexionada em uma oração com o verbo na forma finita. O critério de desdobramento da oração está, frequentemente, relacionado com o da existência de sujeito único, pois há entre o auxiliar e o principal um vínculo tal de subordinação que os faz funcionar como uma unidade, tendo, portanto, um só argumento externo. Nas construções o desdobramento não é possível, o que demonstra a auxiliaridade desses verbos:

(45) *Não pretendo beber, nem por isso a doideira largou de me perseguir.*

(46) *Quando se quer sossego, a gente deixa de mexer!*

(47) *O rio do subconsciente não pára de correr.*

(48) *Acaba de ser descoberta uma nova rede terrorista.*

Os verbos *largar*, *deixar*, *parar* e *acabar* estão em processo de gramaticalização, no sentido de um item lexical passar a ser usado com função gramatical. Para testar o grau de gramaticalidade desses verbos, utilizamos os critérios selecionados por Longo e Campos (2002) ao analisarem perífrases aspectuais e temporais:

a) *Inseparabilidade*: se houver itens entre os elementos que formam a perífrase, o grau de fusão é baixo, o que implica baixo grau de gramaticalidade. No *corpus* analisado, encontramos algumas ocorrências em que aparecem itens entre o verbo auxiliar e o principal; o que demonstra ainda não haver total fusão entre o auxiliar e o verbo base. Se inseríssemos alguns itens como até, porém, mesmo entre o auxiliar e o verbo principal, obteríamos:

(45a) *Não pretendo beber, nem por isso a doideira largou até, mesmo de me perseguir.*

(46 b) *Quando se quer sossego, a gente deixa até, mesmo de mexer!*

(47c) *O rio do subconsciente não pára até, mesmo, até mesmo de correr.*

(48d) *Acaba até, mesmo de chegar uma nova rede de produtos de limpeza.*

Observe-se que podem aparecer itens entre os verbos auxiliares e o principal, o que demonstra ainda não haver total fusão entre os itens analisados e o verbo base.

b) *Irreversibilidade*: se houver mudança de ordem do auxiliar em relação ao verbo base, o grau de gramaticalidade é baixo. Não encontramos nenhuma ocorrência em que isso tenha se verificado.

c) *Esvaziamento semântico*: se persistirem, na perífrase verbal, traços semânticos do verbo auxiliar, o grau de fusão é baixo. Nas ocorrências com os verbos selecionados a função deles é muito mais gramatical, aspectual do que lexical.

d) *Recursividade*: se o verbo auxiliar for idêntico ao verbo base, o grau de gramaticalidade é alto, pois isso mostra que o falante não os identifica como sinônimos.

Não encontramos na modalidade escrita nenhuma ocorrência de recursividade com esses verbos, mas na modalidade oral, podem-se encontrar registros de ocorrência, como a que segue:

(49) *Que bom que você chegou! Ele acabou de acabar o trabalho que havia prometido!*

e) *Perda de características sintáticas*: se o verbo deixa de restringir argumentos, perde seu caráter de núcleo da predicação e assume estatuto de categoria funcional. Alguns desses verbos não exigem mais o segundo argumento e passam a admitir outros com traços diferentes, adquirindo novos significados. *Largar* seleciona o traço objeto e passa a selecionar o traço locativo. (largar pra lá, largar de lado). No caso de *deixar*, os argumentos selecionados podem ser omitidos. O argumento externo passa a ser o central; ou evidencia um alto grau de abstração. Respectivamente tem-se “deixar na mão” e “deixar o dito pelo não dito”.

Observando esses critérios, consideramos que o grau de gramaticalidade desses verbos é alto. Ilustramos nossa análise com o seguinte quadro.

Crítérios	Largar	Deixar	Parar	Acabar
Inseparabilidade	0	0	0	0
Irreversibilidade	1	1	1	1
Esvaziamento semântico	1	1	1	1
Recursividade	0	0	0	1
Perda de características sintáticas	1	1	1	1
Grau de gramaticalização	3	3	3	4

Quadro 1 – Grau de gramaticalização dos auxiliares de cessamento

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Investigou-se nesta pesquisa o processo de auxiliarização dos verbos *largar*, *deixar*, *parar* e *acabar* à luz dos pressupostos teóricos funcionalistas que observa os fenômenos de variação e mudança, características da dinâmica das línguas. Utilizaram-se os critérios de Longo e Campo (2002) da detematização, existência de sujeito único e impossibilidade de desdobramento da oração (níveis de integração) “ características sintáticas para análise do fenômeno em foco.

Concluiu-se que esses verbos vão estendendo seus usos pela seleção de argumentos. Que vão desde a seleção do argumento [+concreto] para o [+ abstrato] o que os vai distanciando da acepção original. Mesmo quando ainda são lexicais, deixam de restringir traços subcategoriais de seus argumentos, perdendo características como a ausência de [+ objeto] para traços locativos no argumento interno. É o caso de *acabar* (*acabar na justiça*). Em alguns casos até a ausência de complemento, como é o caso de *meu relógio parou*. Observou-se que a forma de ocorrência comum desses verbos com a ideia de cessamento é o infinitivo precedido da preposição *de*.

Sintaticamente, observou-se que o uso lexical dos verbos em análise coexiste com seu uso gramatical. Unem-se a um verbo de base e funcionam como morfemas gramaticais deste, o que comprova o caráter auxiliar dos verbos *largar*, *deixar*, *parar*, *acabar*. Para se testarem estágios de percurso de gramaticalização dos itens, utilizaram-se os critérios propostos por Longo e Campos (2002) inseparabilidade, irreversibilidade, esvaziamento semântico, recursividade e perda das características sintáticas para análise do fenômeno em foco. Concluiu-se que tais verbos possuem alto grau de gramaticalidade, observando-se que, embora todos, possam exibir um alto grau de gramaticalidade, “acabar” poderia ser considerado o “mais gramaticalizado” desse grupo, pois atende a todos os critérios de análise.

REFERÊNCIAS

- BORBA, F. S. *Dicionário gramatical do português contemporâneo do Brasil*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1990
- CAMARA Jr., Joaquim. M. *Dicionário de filologia e gramática*. 2. ed. Rio de Janeiro, 1964.
- CUNHA, A. G et al. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992
- MARTELOTTA, M. E. et al.. *Gramaticalização no Português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, 1996.
- HEINE et al. *Gramaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago: The University of Chicago Press, 1991.
- HOPPER, P. On Some principles of Grammaticalization. In: TRAUGOTT, E. & HEINE, B. *Approaches to grammaticalization*, v.1 Amsterdan: Benjamins, 1991,
- LONGO, B. O. & CAMPOS, O. S. A auxiliaridade: perífrases de tempo e de aspecto no português falado. In: ABAURRE, M. B. & RODRIGUES, A.C.S. (orgs.) *Gramática do português falado*. Vol. VIII: novos estudos descritivos. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002
- LEHMANN, Christian. *Thoughts on grammaticalization: a programmatic sketch*. Kölin, Arbeiten des Kölner Universalien Projekts, 1982, v.1 (mimeogr.)
- LUFT, C. P. *Moderna Gramática Brasileira*. 2ª ed. São Paulo. Globo. 2002
- MICHAELIS. *Moderno dicionário de língua portuguesa*. São Paulo: Companhia de Melhoramentos, 1998.
- TRAVAGLIA, L.C. *O aspecto verbal no Português: a categoria e a sua expressão*. 3 ed. Uberlândia, Ed. Universidade Federal de Uberlândia, 1994
- TRAUGOTT, E. & HEINE, B. *Approaches to grammaticalization*, v.1 Amsterdan: Benjamins, 1991, p.54